

# Manual de ferramentas para construir a resiliência e sustentabilidade sem crescimento

Resenha escrita por Susan Paulson<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Professora do Centro de Estudos Latino Americanos  
Universidade da Flórida University of Florida, FL, EUA  
End. Eletrônico: spaulson@latam.ufl.edu

doi:10.18472/SustDeb.v7n2.2016.19698

RESENHA - DOSSIÊ

**Giacomo D’Alisa, Federico Demaria, Giorgos Kallis. *Degrowth: A vocabulary for a new era*. New York and London: Routledge, 2014. 220 p. ISBN: 978-1-138-00076-6.**

Editado por três pesquisadores do Instituto de Ciências e Tecnologia Ambiental (ICTA) da Universidade Autônoma de Barcelona, este volume reúne colaborações de cinquenta e seis autores, na sua maioria baseados na Europa, com exceções discutidas a seguir. Colaboradores incluem jovens e criativos pesquisadores, bem como estudiosos reconhecidos globalmente como Joshua Farley, Tim Jackson, Serge Latouche, Joan Martinez-Alier, Juliet Schor e Erik Swyngedouw. A coleção apresenta as linhas centrais do pensamento e ações associadas com o decrescimento, via cinquenta e um capítulos curtos. Cada capítulo define um conceito-chave ou movimento, além de se conectar com questões fundamentais e identificar leituras relevantes. Uma versão em Português vai ser publicado pelo Editorial Tomo (Porto Alegre) em novembro 2016.

Em meio a uma busca por caminhos para socioecologias mais sustentáveis e igualitárias, o termo “decrescimento” foi lançado dentro da política e movimentos sociais no final do século XX. A ideia provocadora tem instigado debates em partidos políticos e eleições nacionais. Ela tem sido reativada em movimentos antiglobalização e movimentos de ocupação (como por exemplo o movimento Occupy Wall Street), tem sido adotada pela Via Campesina e pela Cúpula dos Povos sobre a Mudanças Climáticas, e exercido em iniciativas locais em todo o mundo. Após décadas de publicações e debates centrados principalmente na Europa, o decrescimento também entrou em erupção em conversas acadêmicas mais amplas, destacado em mais de cem artigos de revistas e dezenas de livros. Atores envolvidos nestas diversas iniciativas em todos os continentes se têm reunido em cinco conferências mundiais.

Degrowth: A vocabulary for a new era (Decrescimento: Um vocabulário para uma nova era) é o primeiro livro em língua inglesa apresentando este campo de uma forma abrangente. Seu objetivo é contribuir para o decrescimento voluntário, definido como uma redução equitativa na escala de produção e consumo, o que aumenta o bem-estar humano e melhora as condições ecológicas (SCHNEIDER; MARTINEZ-ALIER; KALLIS, 2010: 51). Com este objetivo o livro descreve projetos e ações concretos, avança novos modos de ciência, e convoca para uma repolitização dos debates públicos sobre desenvolvimento e bem-estar. Alguns dos projetos descritos são: renda básica e máxima, cooperativas, de volta à terra, auditoria da dívida, plataformas digitais de livre acesso, garantia de emprego, moedas

locais, bancos de horas, sindicatos, jardinagem urbana e partilha de trabalho. Ideias para forjar novas culturas políticas incluem: o antiutilitarismo, a autonomia, o cuidado, o bem comum, a sociabilidade, a desmaterialização, a justiça ambiental e economia de estado estacionário.

Crises atuais que vão desde o endividamento a mudanças climáticas põe em risco a sustentabilidade dos sistemas socioecológicos, testando os limites de resiliência para muitas pessoas e lugares. Pelo lado positivo, essas crises podem estimular ciclos adaptativos, desestabilizando as relações socioeconômicas e narrativas culturais dominantes e assim criando aberturas para a construção de práticas, políticas e relacionamentos que irão apoiar uma melhor resiliência em face dos desafios futuros. Aproveitando este momento de crise, o livro questiona mitos que retratam a constante expansão da produção e consumo como compatíveis com a saúde do planeta e bons para o bem-estar de todos seus residentes. Este também apresenta um novo vocabulário conceitual útil para repensar esses mitos.

Crescimento material refere-se à expansão da matéria e da energia transformada a cada dia pelo metabolismo societal. Calculada globalmente, essa quantia cresceu exponencialmente durante os últimos séculos. Em termos termodinâmicos, o crescimento material acelera a taxa de entropia antropogênica, resultando em um conjunto de resultados indesejados. Cientistas de todo mundo concordam que frear o crescimento material iria mitigar o aquecimento global, a acidificação dos oceanos, a perda de biodiversidade, a perda de água potável, e outros processos que põe em risco a sustentabilidade das comunidades e territórios.

O crescimento econômico é um assunto mais controverso. Registros compilados durante toda história moderna revelam que o aumento dos PIBs nacionais tem expandido as pegadas ecológicas. No entanto, as futuras relações entre estas trajetórias são muito debatidas. Autores deste volume criticam os esforços políticos dominantes que continuam a incentivar o crescimento econômico, mesmo quando se esforçam para dissociá-lo de extração de recursos naturais e da poluição.

Cientistas, políticos e profissionais do desenvolvimento utilizam os indicadores de crescimento econômico como representantes de todos os tipos de bens sociais, reforçando a hipótese, empiricamente injustificada, de que um PIB em crescimento produz automaticamente cidadãos mais saudáveis, mais felizes e mais sábios. A questão, se o crescimento econômico é bom ou ruim para as sociedades, é complexa por causa da distribuição desigual dos problemas e dos benefícios de tal crescimento. Defensores do decrescimento propõem a substituição de um foco no crescimento econômico por políticas e programas voltados diretamente para os resultados escolhidos e valorizados por cada população: saúde, felicidade, longevidade, soberania alimentar, alfabetização, numeracia, beleza natural, diversidade, resiliência, soberania alimentar, satisfação sexual, vida espiritual, riqueza intelectual, entre outros.

Um ponto em que tanto os defensores quanto os críticos do crescimento concordam é, que no contexto de sociedades atuais baseadas no crescimento, a simples suspensão do crescimento econômico leva a resultados bárbaros. O que é necessário, argumentam colaboradores liderados por Serge Latouche, não é apenas uma diminuição quantitativa na produção e consumo, mas algo muito mais radical: uma revolução cultural que restabeleça valores, modos de vida, relacionamentos e a política em uma nova fundação.

Estudos de resiliência contribuem para esta revolução através da construção de uma capacidade de aprender e de se adaptar às mudanças nas condições do sistema e choques externos. Os grupos apresentados no dossiê publicado nesta edição da Revista Sustentabilidade em Debate enfrentam diferentes desafios em sustentar aspectos ecológicos, econômicos e sociais em seus diferentes meios de vida. Este livro fornece horizontes mais amplos para cada grupo na sua busca de visões e elementos socio-culturais e técnicos -velhos e novos- que se movem além do crescimento para construir socioecologias mais saudáveis e sustentáveis.

Os artigos contidos neste dossiê se conectam especialmente bem com os capítulos sobre as fronteiras das matérias primas e o ambientalismo dos pobres. Com as crescentes economias globais pressionando as empresas extrativas em novos territórios, as pessoas no Brasil e em outros países estão tomando cada vez mais medidas contra o desenvolvimento econômico que procura incorporar seu trabalho e seus recursos naturais apenas como fornecedores de matéria prima bruta para as cadeias produtivas.

Os autores do livro sob revisão combinam conceitos, métodos e informações desenvolvidas em várias disciplinas, incluindo os campos mais recentes da ciência da sustentabilidade, estudos de resiliência, economia ecológica, ecologia política e justiça ambiental. Uma contribuição de vanguarda do novo vocabulário são conceitos e métodos analíticos que conectam a economia com as ciências biofísicas: bioeconomia, mercantilização da natureza, entropia, metabolismo social, economias de estado estacionário, paradoxo de Jevon, neomalthusianos e desmaterialização. Os esforços para questionar o crescimento levaram estes autores para além dos limites das ciências naturais e sociais tradicionais. Alguns pensam sobre o seu trabalho em termos de uma “ciência pós-normal”, conceituado como uma estratégia de resolução de problemas apropriada “quando os fatos são incertos, os valores estão em disputa, as apostas são altas, e a decisão urgente” (FUNTOWICZ; RAVETZ, 1994: 1882). Muitos se envolvem com organizações não governamentais, ou com o ativismo político, religioso e social.

Com o propósito de apoiar o trabalho em direção à resiliência e sustentabilidade em todo o mundo, este livro apresenta três pontos fracos. Ele promove o decrescimento como um projeto que pode e deve ser exercido por atores que vivem em contextos de alto PIB e alto consumo. Sua primeira limitação é a falta de atenção aos atores e grupos que enfrentam decrescimento como um acontecimento não intencional, o que não é necessariamente bem-vindo por esses, dado que alguns deles já vivem em condições de muito baixo consumo.

A segunda limitação é o escopo de contribuintes, a maioria dos quais estão baseados na Europa, alguns nos EUA e Austrália, sem muitas vozes da África, Ásia ou América Latina. Um mérito do livro é a inclusão de alguns pensadores de renome do Sul global: Eduardo Gudynas escreve sobre o Buen Vivir na América do Sul, Mogobe Ramose escreve sobre Ubuntu na África do Sul, e Arturo Escobar contribui com as críticas ao desenvolvimento. Este movimento abriu a janela para um diálogo mais amplo, manifestado em publicações recentes (ESCOBAR, 2015; KONTHARI; DEMARIA; ACOSTA, 2014).

O terceiro ponto fraco é a presença - em alguns, mas não muitos capítulos - da retórica normalizada que comunica uma espécie de ortodoxia do decrescimento, como em “partidários do decrescimento são contra”, “partidários do decrescimento não gostam”, e “partidários do decrescimento reivindicam”. Esta linguagem implica na existência de um paradigma científico consolidado e uma plataforma política única, o que contradiz a grande bandeira do decrescimento revelada pelos editores, que chamam a atenção dos leitores para aplicar o novo vocabulário com criatividade e diversidade. O desafio é manter o rigor intelectual e ao mesmo tempo celebrar a capacidade do decrescimento de energizar e conectar o pensamento heterodoxo e a ação heterogênea.

Este livro pode motivar e capacitar os leitores da revista Sustentabilidade em Debate a enxergar os desafios e possibilidades socioambientais em formas novas e transformadoras. Ele contribui para a vitalidade do pensamento e ação do decrescimento, fornecendo ferramentas para as pessoas ao redor do mundo para continuar avançando esta conversa. Suas respostas se manifestarão em adaptações construtivas a situações difíceis em que os recursos ecológicos ou econômicos são decrescentes, e também pelas ações alternativas voluntárias não dominadas pelo crescimento.

Decrescimento - voluntário ou involuntário - não está indo embora. Enquanto pesquisadores e cidadãos trabalham para construir capacidade de resiliência, eu recomendo fortemente que eles se envolvam com esta caixa de ferramentas composta de conceitos e métodos para intervir nos debates políticos atuais e para realizar propostas concretas em várias escalas: local, nacional e global. Como os editores descrevem: “o livro vai ser uma fonte indispensável de informação e inspiração para todos aqueles que, não só acreditam que um outro mundo é possível, mas trabalham e lutam para construí-lo agora.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, A. Degrowth, postdevelopment, and transitions: a preliminary conversation Sustainability Science 10(3): 451–462, 2015.

FUNTOWICZ, S. O.; RAVETZ, J.R. Uncertainty, Complexity and Post Normal Science Environmental Toxicology and Chemistry 12(12): 1881–1885, 1994.

KOTHARI, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. Buen Vivir, Degrowth and Ecological Swaraj: Alternatives to sustainable development and the Green Economy *Development* 57(3): 362–375, 2014.

SCHNEIDER, F.; MARTINEZ-ALIER, J.; KALLIS, G. Crisis or opportunity? Economic degrowth for social equity and ecological sustainability. Introduction to this special issue *Journal of Cleaner Production* 18: 511–518, 2010.